



**METAMORFOSEANDO O 'DENTRO' DE CASA:
A EXAUSTÃO DO CONFORTO E DA SEGURANÇA**

***Metamorphosing the 'inside' of the house:
the exhaustion of comfort and safety***

Mônica Vilaça¹

Doutoranda em Sociologia, Programa de pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal da Paraíba. Bolsista CAPES e do Programa Conservando o Futuro Funbio / Instituto Humanize, Brasil.

E-mail: monicavilaca2@yahoo.com.br

Áltera, João Pessoa, v. 1, n. 10, p. 463-471 jan./jun. 2020

ISSN 2447-9837

¹ ORCID 0000-0002-8916-4364.



Você deveria estar mais perto. É teletrabalho, é live, é reunião do movimento social, é debate virtual, o congresso também foi virtual. A mudança das rotinas e a paralização dos projetos convidou a criar novos objetivos e metas – curtas ou longas. “Estás disponível para um encontro mais tarde?” Esta fuga de um tal tédio traduziu-se em fazer, criar e estar muito frequente. Avoluma-se a vida, o tempo em casa é apropriado, o corpo reclama. Quantas horas passei trabalhando hoje?



Um fio, uma agulha e um telefone. Primeiro você ajuda a desenrolar o novelo, depois você ganha uma agulha. Você aprende a trança, o ponto baixo, o ponto alto. Senta com as outras mulheres que fiam o dia, fiam o silêncio, fiam a lembrança. Os pontos se juntam criam desenhos e trançam outros caminhos. Aprende-se com as mãos, não se explica ponto, 'faz-se assim'. Estamos compartilhando esse fiar.





Aconselha-se limpar com frequência. Limpar de 15 em 15 dias, tirar o pó, passar pano. Aconselha-se que em tempos de teletrabalho a casa seja arrumada à noite – para não afetar o trabalho diurno. Água sanitária, mas não demais, minha vizinha sufocou com a água sanitária. Era para limpar. Para evitar vírus. Para cuidar.



O Arroz, o fubá, a cenoura. Chegar da feira estabeleceu vários novos tempos, o tempo de tomar banho e higienizar-se. O tempo de pegar sacola a sacola e colocar os itens comprados na pia. Esponja, sabão, água. Tudo segue para o escurridor. Aparecem anseios nas redes por máquinas de lavar sacos de arroz.



Pílulas azuis. Pararam nas capitais os meios de transporte. O dente, a coluna, os exames de rotina, o tratamento continuado foi descontinuado. Alguns remédios básicos para atravessar possíveis situações: analgésicos, antitérmicos, anti-inflamatórios, antialérgicos. Felizmente todos podem ser comprados sem receita.



Cuida e sufoca. Fomos rápido de ‘*não usem máscaras*’, para ‘*todos devem usar máscaras*’. Agora são obrigatórias nos espaços públicos. Temos umas quatro máscaras na gaveta, para a emergência de comprar comida ou remédios. Ir no dentista, talvez. Já não uso batom, provavelmente estarão vencidos quando não precisar das máscaras.

A covid-19 foi declarada pandemia pela Organização Mundial da Saúde em 11 de março de 2020. Com esta nova classificação, os diversos países estabeleceram orientações mais simples, ou complexas, restritivas ou não, com o objetivo de frear a doença. Este processo tem um aspecto comum ancorado no chamado ao distanciamento social que se tem configurado em uma busca coletiva por '*ficar em casa*'. A casa, ou o lar, nunca foi um lugar simples. Atravessado por relações sociais em conflitos de gênero, classe e raça que podem ser observados quando pensamos os trabalhos domésticos e de cuidados necessários para a reprodução da vida, invisibilizados e realizados majoritariamente por mulheres, de forma gratuita ou paga. A casa conflituosa também é denunciada agora como privilégio, ficar em casa fala de cidades com problemas absurdos de habitação e acesso a serviços que aprofundam nossas percepções de desigualdades estruturais sempre gritadas. Vemos, em meio à pandemia, chuvas desalojarem famílias de barracos e desocupações forçadas em favelas.

A casa tem muito ruído neste período. Tudo está dentro de casa, os conflitos já existentes e que gritam com mais força, por que para as mulheres este tem sido período de aumento da já existente carga de trabalho, e novos conflitos, o trabalho antes realizado fora da casa deslocou-se para ela. Estar em casa traduz-se por disponibilidade. Uma zoadá interminável de reuniões, convites para atividades virtuais, estar em casa torna cada uma e cada um disponível. Ocupar-se, cuidar-se, e a vida em casa acelerando-se para bastar-se. Limpa-se mais, lava-se mais, o uso da casa é contínuo, constante, estamos '*apenas em casa*'. Estamos mais em cada cômodo. O isolamento social reafirma nosso corpo, um corpo que se estende e se constrói nas relações que estabelece, e é este corpo privado e restrito, acelerado e cobrado que precisa enfrentar a exaustão da casa. Este ensaio¹ propõe olhar para este desconforto produzido em uma vivência da casa. No processo de sua elaboração busquei refletir as ações que já compunham a experiência de estar em casa e que hoje assumem novos significados.

As imagens buscam compartilhar uma experiência de '*estar em casa*'. As fotos narram uma reconstrução de cotidiano, um rearranjo do dia a dia ante as novas dinâmicas.

¹ O ensaio foi realizado com uma câmera semiprofissional Sony Alpha 6400.



micas solicitadas pela pandemia. Tornam-se registros e expressões de novos contornos que tem assumido este presente-futuro. A fotografia aqui assume uma possibilidade de documentar e interpretar – considerando que cada registro foi construído com a finalidade específica de comunicar um determinado olhar sobre uma vivência nesta pandemia.

Recebido em: 29/05/2020.
Aceito para publicação em: 27/06/2020.

